

Contadores sentem na pele crise econômica

Roberto Lopes
Da equipe do **Correio**

São Paulo — Os 13.500 escritórios de contabilidade paulistas — responsáveis por 50 mil empregos — estão em alerta: o desaquecimento da economia fez aumentar a inadimplência das indústrias de pequeno porte e do comércio de artigos populares, que usam seus serviços.

“Os setores de têxteis, química,

metalurgia e construção civil, além dos supermercados de bairro, das farmácias e do comércio de vestuário e de carros usados estão passando por grandes dificuldades”, informou ontem o presidente do Sindicato das Empresas de Serviços Contábeis do estado (Sescon), Ari de Oliveira Santos.

Em São Paulo a prestação de serviços contábeis representa 40% no movimento desse segmento em todo o País.

Preocupação — “Meus colegas em outros estados estão ainda mais preocupados”, diz Santos, “especialmente com a inadimplência dos grandes clientes e o fechamento de empresas menores, que lutavam para sobreviver”.

Os escritórios de contabilidade são considerados, tanto na Federação do Comércio como na Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, como um dos mais confiáveis termôme-

tros do nível de aquecimento da economia.

“Eu trabalhava com quatro indústrias.

Nos últimos meses perdi duas:

uma

fechou e outra entrou em concordata”, conta Ozias Chazim, dono da Osfe Auditoria Contábil, em Vila Maria-

na, área de classe média da capital paulistana.

“Nenhuma delas tinha mais do que

50 funcionários. E a que está em con-

cordata contava na lista das 500 empresas que mais pagavam imposto de renda no país”, observa.

Quebradeira — O próprio Ari

Santos tem histórias para contar. Seu escritório em Santo André, região do ABC, tem 24 anos, 28 funcionários e quase 180 clientes. Mas a solidez do negócio sentiu os efeitos da baixa na atividade econômica.

“Uma rede de 18 pequenos supermercados do ABC está inadimplente

comigo desde novembro. O que devo fazer? Abandoná-los ou apostar na melhoria das coisas?”, pergunta.

Semana passada a Osfe colocou em cartório uma dívida de R\$ 2.520,00 contraída por uma empresa perfuradora de poços. O atraso do cliente ultrapassava os três meses. “Foi a primeira vez que fizemos isso”, diz Ozias, “mas não dava mais para esperar. E, no cartório, eles pagaram na hora”.